

Os movimentos de organização dos capoeiras no Brasil

*José Luiz Cirqueira Falcão**

Resumo *Abstract*

Este artigo analisa o movimento de organização dos capoeiras no Brasil, suas diversas estratégias e evidencia as contradições e os mecanismos de conformismo e resistência verificados nesta trajetória.

This article analyses the organization movement of "capoeiras" in Brazil, its diverse strategies and show the contradictions and the mechanisms of acquiescence on principle and resistance verified in this trajectory.

* Doutorando em Educação pela UFBA, mestre de capoeira do Grupo Beribazu, Professor Assistente da Universidade Federal de Santa Catarina. Autor do Livro: A escolarização da capoeira. Brasília-DF, Asefe-Royal Court Editora, 1996.

Introdução

Atualmente, os capoeiras¹ se organizam em grupos que podem ser encontrados em todo o Brasil, sendo que alguns possuem representações (filiais) em vários estados brasileiros e em alguns países do exterior. É visão corrente no contexto da capoeira atual que quanto mais estados e países representados, mais prestígio terá o grupo e, conseqüentemente, os seus integrantes. O capoeira que não faz parte de um grupo é freqüentemente cobrado pelos seus pares ou pelos seus próprios alunos e termina entrando ou formando um. Muitos chegam a comprar a “*corda de mestre*”² para poderem desenvolver seus trabalhos com mais autoridade. O preço da referida corda oscila em torno de R\$ 1.000,00 (mil reais) e sabe-se que pode ser adquirida em algumas capitais do país. Muitos dos que se aventuram desenvolver sua arte no exterior são formados nas “*academias aéreas*” da TAP e da VARIG (ambas, companhias de aviação). Embarcam alunos e, após algumas horas de vôo, desembarcam “*mestres*” com exuberantes propostas de ensino da arte-luta brasileira. Trata-se de uma nova categoria de mestres, ironicamente,

cognominados de “mestres TAP/VARIG”. Essa é uma dinâmica emergente no mundo da capoeira que faz parte dos novos tempos.

Os grupos de capoeira, em sua grande maioria, estão dotados, atualmente, de um articulado aparato que faz com que todos os integrantes se mantenham bem informados nos mínimos detalhes. Os uniformes estampam cada vez maior e mais forte o logotipo do grupo, bem como o nome (ou apelido) dos mestres. Os calendários dos eventos são minuciosamente elaborados para não haver choques e permitir um trânsito de um maior número de capoeiras entre os diversos núcleos do grupo. Outros mecanismos contribuem para a “*integração*” de seus componentes, tais como, informativos e jornais específicos. Muitos grupos agregam capoeiras “*avulsos*” com sedutoras propostas de reconhecimento e sucesso. Em certas situações, grupos menores se fundem para se tornarem mais poderosos. Muitos grupos são “*fechados*”, ou seja, não permitem a participação de outros capoeiras em seus treinamentos e eventos. Geralmente, o prestígio do grupo está vinculado ao poder de inserção que o mesmo tem na mídia. Qualquer semelhança com a

dinâmica do mercado não é mera coincidência. Por fim, existem aqueles que se contrapõem a todo esse esquema e são taxados de “alienados” ou “primitivos” pelos seus pares.

Sabe-se, entretanto, que essa forma de organização dos capoeiras nos moldes de grupos institucionizados é recente e decorre dos novos reordenamentos econômicos, políticos e sociais da sociedade brasileira.

Esse processo de organização dos capoeiras se corporificou a partir do início dos anos 70, quando a capoeira passou a ser tratada sistematicamente como modalidade esportiva³.

Os motivos da organização dos capoeiras

A organização dos capoeiras ao longo dos tempos vem se dando a partir de diversas estratégias que atendem a interesses variados. Ao estudar as raízes da formação das “*maltas de capoeiras*”, na cidade do Rio de Janeiro, SOARES (1994) aponta a disputa de espaços geográficos como o principal motivo de organização das mesmas. Duas

grandes maltas tornaram-se célebres: a dos Nagoas e a dos Guaiamuns.

Os capoeiras sempre se utilizaram da luta para conquistar seus espaços. A luta do capoeira era um fator não só de organização, mas de libertação. A capoeira enquanto luta, como sabemos, remonta as suas origens. Mas, SOARES (1994) aponta, também, a participação dos capoeiras nas festas militares, religiosas e profanas. Aliás, nos primórdios, um dos fortes motivos de organização dos capoeiras era a festa. O vínculo desta manifestação com a festa remonta o seu surgimento. “*A capoeira sempre teve ambiente festeiro*” (TAVARES, 1964, p. 25). Afinal, os negros de Angola – os primeiros a serem trazidos para o Brasil na época da escravidão – eram propensos aos folguedos e diversões. QUERINO (1922, p. 61), destaca: que o “*Angola era, em geral, pernóstico, excessivamente loquaz, de gestos amaneirados, typo completo e acabado do capadócio*” (sic!). Braz do Amaral, citado por REGO (1968), endossa esta constatação ao afirmar que os negros de Angola – os mais numerosos dentre os escravos trazidos para o Brasil – eram insolentes, loquazes e imaginosos. Não tinham persistência para o

trabalho, porém eram férteis em recursos e manhas. Tinham mania por festa, pelo reluzente e pelo ornamental.

Mesmo na época da escravidão, diante das desumanas condições em que viviam, os africanos reivindicavam o exercício do lúdico, enquanto componente de sua identidade cultural. No final do século XVIII escravos fugidos de uma fazenda baiana reivindicavam, além de terras e melhores condições de trabalho, o direito de poderem *“brincar, folgar, e cantar em todos os tempos que quisermos sem que nos empeça e nem seja preciso licença”* (trecho do Tratado proposto a Manuel da Silva Ferreira pelos seus escravos durante o tempo em que se conservaram levantados, em 1789, na Bahia, citado por REIS e SILVA, 1989, p. 124).

REGO (op. cit., p. 359) compartilha da idéia de que luta e brincadeira são componentes da capoeira: *“primitivamente a capoeira era o folguedo que os negros inventaram, para os instantes de folga e divertirem a si e aos demais nas festas de largo, sem contudo deixar de utilizá-la como luta, no momento preciso para sua defesa”*.

RUGENDAS (1979, p. 241) ao discorrer sobre os usos e costumes dos negros no Brasil, menciona a capoeira como um *“folguedo guerreiro”* em que um lutador evita o ataque do outro com *“saltos de lado e paradas hábeis”*⁴.

A partir dessas considerações é possível afirmar que o elemento lúdico se faz historicamente presente no jogo da capoeira desde o seu surgimento. Vista sob esse ponto de vista, a capoeira conseguia atender a necessidade de fantasia, utopia, justiça, estética e ainda o gosto pelo imprevisível.

Vê-se, portanto, que o processo de organização dos capoeiras foi e continua sendo controvertido. A idéia da organização da capoeira, tendo como referência a cor da pele, não tem consistência e apresenta-se limitada. Para SOARES (1994) a capoeira *“significou muito mais que a ‘arma do escravo’ no ambiente urbano, ou o recurso de resistência do pobre frente a violência do Estado. (...) Muito além de uma luta negra, a capoeira foi um ponto de partida na história das relações raciais na cidade do Rio”* (p. 311). Para o referido autor, a capoeira não foi uma expressão negra da cultura carioca, mas serviu de instrumento para a organização de grupos

heterogêneos formados de negros, brancos, estrangeiros, nacionais, livres e escravos. O estudo de Soares rompe com uma visão que define a capoeira do passado como uma construção essencialmente negra e questiona as oposições binárias para explicação de sua trajetória histórica.

Voltando ao processo de organização dos capoeiras, convém destacar que ele não foi, de forma alguma, pacífico. Os ajuntamentos de capoeiras sofreram ostensiva repressão por parte dos governos colonial e imperial do Brasil⁵. No entanto, todos os procedimentos adotados para coibir a coesão dos indivíduos à margem da sociedade, foram ineficazes para descortinar estas formas de identidade coletiva, muitas delas decorrentes de fatores de ordem religiosa, de consolidação territorial, de infortúnio e de ascensão social. Muitos autores que estudaram a estrutura organizacional das *maltas de capoeiras*, retratam-na como um corpo autônomo e hierarquizado, formado de chefias e sub-chefias, tendo os seus membros, deveres e funções perfeitamente codificados, cujos princípios que regiam suas relações internas estavam galgados na solidariedade, na lealdade, na prudência, na bravura, na valentia,

na coragem e no respeito às normas e aos níveis hierárquicos (ARAÚJO, 1997).

Esta meticulosa organização dos capoeiras era motivo de preocupação do Estado. O relatório do Ministro e Secretário dos Negócios da Justiça, referente ao ano de 1878, trata as maltas da seguinte forma:

Uma das mais estranhas enfermidades morais desta grande e civilizada cidade é a associação de capoeiras. Associação regularmente organizada, com seus chefes, sua subdivisão em maltas, que denominam badernas, com sinais e gírias próprias. Grupos de turbulentos, ávidos de assuadas, de lutas e de sangue, concorrem à voz de seus chefes nas grandes reuniões populares e festividades públicas, para o fim de decidirem por meios violentos as suas contendas e rivalidades. (Filho e Lima, citado por ARAÚJO, 1997, p. 175)

Convém destacar que apesar das retaliações por parte do poder constituído, os capoeiras do final do século XIX foram estrategicamente organizados. Não é por acaso, que MOÛRA (1980) chama a atenção para o fato de que o negro sempre foi um organizador. Para esse autor, desde o regime escravista ele se

manteve organizado, embora de forma frágil e um tanto desarticulada. Várias foram as formas que os negros utilizaram para se organizar: quilombos, confrarias religiosas, irmandades, candomblés, terreiros de xangô, umbandas, movimentos reivindicatórios, etc. Essa tendência do negro de se organizar não surge por acaso. Em geral, os grupos que se identificam na sociedade de classes por um estigma que esta lhes impõem podem, *“ao invés de procurarem fugir a essa marca, transformá-la em herança positiva e organizar-se através de um ethos criado a partir da tomada de consciência da diferença que as camadas privilegiadas em uma sociedade etnicamente diferenciada estabeleceram”* (MOURA, op. cit., p. 143). Esta revalorização da própria etnia do grupo procura se respaldar a partir de um passado cultural ou de reivindicações mais atualizadas e marcam sua identidade a partir do antagonismo. As organizações negras podem ser vistas como mecanismos de auto defesa contra a sociedade discriminatória. São grupos específicos de resistência social. Ex: cooperativas, órgãos culturais, movimentos negros, blocos carnavalescos. Situam-se geralmente nas cidades e a imprensa

negra tem papel importante nesse processo.

Em toda a trajetória dos movimentos negros sempre houve fricções por parte das instituições dominantes no sentido de querer asfixiar socialmente os grupos específicos negros. Desde a repressão violenta dos quilombos, até as simples reclamações por perturbação da ordem, o atrito fora permanente.

Certamente, quando a capoeira era organizada para atender motivos de disputa geográfica, ou para atender aos interesses de políticos, ela assumia características bem diferentes das que presenciamos hoje. No entanto, na atualidade, ela incorporou as mesmas características de qualquer outra prática corporal inserida no mercado de consumo. Mesmo assim, alguns elementos consolidados em sua trajetória histórica são requisitados e servem como estratégias por meio dos quais os capoeiras se organizam. Assim, a luta, enquanto arte de defesa pessoal, e o componente lúdico, como fator de catarse e festa, são hoje estratégias legítimas que influenciam o processo de organização de expressivo segmento dos capoeiras.

Convém assinalar que esses aspectos se entrecruzam e que o

componente lúdico contribui para uma dissimulação do componente luta, na medida em que não se efetiva um confronto direto, mas uma constante simulação de ataques e defesas, mediada pela ginga numa ambigüidade onde a brincadeira e a luta se interpenetram. Assim, a dança, expressão mor da festa, e a luta, expressão mor da resistência, se imbricam e os capoeiras, no embalo do toque do berimbau, descrevem círculos no espaço da roda fazendo com que o *“corpo lute dançando e dance lutando”*, remetendo a capoeira *“a uma zona imaginária e ambígua situada entre o lúdico e o combativo”*, conforme nos aponta a historiadora Letícia Reis (REIS, 1997, p. 215).

A exacerbação do componente luta na prática da capoeira tem sido vista com reservas por parte de muitos líderes preocupados com a violência. Politicamente, hoje a luta na capoeira deve e tem que ser vista a partir de uma dimensão ampliada. A principal luta do capoeira, nos dias de hoje, não deve ser contra um determinado feitor, individualmente, como acontecia antigamente, nem tampouco, contra outros praticantes de capoeira. A luta da capoeira, nos dias de hoje, deve ser contra todo e qualquer tipo

de opressão, discriminação e pela construção de uma sociedade mais justa, livre e democrática. A luta da capoeira deve ser contra uma série de injustiças sociais que alija mais da metade da população do consumo de bens primários, indispensáveis ao bem estar social de todos.

O feitor de hoje se transfigurou e tem muito mais poder. Na maioria das vezes, ele está vinculado às estruturas poderosas responsáveis pela consolidação de um sistema perverso e também muito poderoso que vem provocando muitas barbáries. Um sistema que faz do Brasil o país com a pior distribuição de renda do planeta. Um país com mais de 30 milhões de miseráveis. Um país em que os 10% mais ricos apropriam-se de 53,2% da renda nacional, enquanto os 10% mais pobres detêm apenas 0,6% da renda nacional, segundo dados do Banco Mundial.

É possível entrever que a organização dos capoeiras esteve sempre vinculada a fatores mais políticos e ideológicos do que pela simples necessidade humana de pertencimento a um determinado grupo. Esses processos organizacionais contribuíram sobremaneira para mudanças significativas nos códigos da capoeira. A escravidão

no Brasil e os regimes autoritários de Getúlio Vargas e dos militares foram fatores motivadores dos mesmos. A Capoeira Regional de Mestre Bimba, por exemplo, uma recodificação da capoeira tradicional, foi criada nos anos 30, durante a vigência da ditadura de Getúlio Vargas, que procurava estabelecer uma forte vinculação de caráter paternalista e afetivo com as classes populares. Naquela época preponderava na Educação Física brasileira a “*tendência militarista*”, de conotação extremamente autoritária (GUILARDELLI JÚNIOR, 1988). A regulamentação da capoeira como desporto do ramo pugilístico, no início da década de 70, lhe delegou uma conotação predominantemente esportivizada. Nesse período, o Brasil estava sufocado pela ditadura militar e preponderava no âmbito da Educação Física brasileira uma mentalidade competitivista, centrada no alto rendimento, sendo que esta ideologia fez-se presente também na capoeira.

Atualmente, percebe-se um grande movimento dos capoeiras em diversos setores de atuação social principalmente aqueles vinculados ao mercado de prestação de serviços. Hoje já temos, inclusive, capoeiras tra-

balhando como “*personal training*” – um filão do mercado das práticas corporais que se caracteriza por um atendimento individualizado, com utilização de modernos equipamentos destinados à avaliação da aptidão física.

É, portanto, a partir da demanda do setor de prestação de serviços que a maioria dos grupos de capoeira está se organizando. Muitos deles estão, cada vez mais, se preocupando com a formação e capacitação de seus quadros, para atender as necessidades de uma clientela cada vez mais exigente. Constata-se, nessa dinâmica, grupos altamente especializados, com capoeiras tecnicamente preparados para ampliar ainda mais o raio de atuação do seu grupo.

Além dessa demanda cada vez mais crescente, existe uma outra também em franca expansão, a vinculada ao contexto escolar. Num movimento crescente, os grupos de capoeira vêm adentrando as escolas públicas e privadas de todo o país e despertando grande curiosidade por parte de pesquisadores atentos a essa dinâmica. Em agosto de 1999, por exemplo, teve início o primeiro curso superior de capoeira, na Universidade Gama Filho (UGF), no Rio de Janeiro. Trata-se de iniciativa que resultou da parceria de um

conhecido grupo de capoeira com aquela universidade. Ademais, a capoeira já encontra-se presente em mais de dez universidades brasileiras, na maioria dos casos, como projeto de extensão vinculado a algum grupo de capoeira.⁶

Por outro lado, constata-se ainda significativas iniciativas de organização dos capoeiras em torno dos denominados movimentos sociais. Trabalhos com crianças e adolescentes em situação de risco são os que mais chamam a atenção e, não raros, são divulgados na mídia como responsáveis pela recuperação de menores infratores. Existem também trabalhos de capoeira com portadores de necessidades especiais, como o coordenado pelo mestre Ponciano, do Grupo Cordão de Ouro, de Guaratinguetá- SP.

Muitos grupos organizados têm se preocupado com a realização de trabalhos sociais, geralmente vinculados às comunidades carentes⁷, entretanto, esses trabalhos esbarram em dificuldades financeiras ou de ordem política que, na maioria das vezes, inviabilizam suas propostas.

A capoeira e os reordenamentos político-econômicos

O reordenamento político-econômico por que passa a sociedade brasileira nos últimos anos vem provocando mudanças aceleradas e pulverizando todas as formas de organização de categorias específicas. No caso dos capoeiras, que não contam com qualquer tipo de organização que defenda os seus interesses e garanta suas conquistas (como no caso dos sindicatos), o que vem acontecendo é uma agregação à lógica do mercado formal e informal que exige dos mesmos novas competências técnicas que atendam às exigências do público consumidor. A lógica do mercado tem ditado, como já dissemos, as regras de intervenção e organização dos neocapoeiras.

Convém reforçar, portanto, que o que vem acontecendo nos últimos anos com os capoeiras difere-se bastante do que acontecia com os capoeiras do passado. Aliás, é notório o fato que denota as precárias condições de vida pelas quais passaram os maiores ícones da capoeira brasileira⁸. Nos últimos anos, muitos capoeiras, preocu-

pados com a situação de penúria, sob a qual muitos ilustres abnegados viveram, vêm buscando alternativas, as mais diversas, em prol de melhores condições de vida para a categoria.

As possibilidades de trabalho dos capoeiras situam-se, grosso modo, nas estruturas do Mercado Formal (MF) e do Mercado Não Formal (MNF) da economia, assim como nas instituições vinculadas ao poder público, principalmente nas escolas⁹. No MF podemos verificar os trabalhadores em capoeira vinculados a clubes, academias e instituições comunitárias (associação de bairros, entidades assistenciais, etc.). No MNF, os trabalhadores em capoeira estão vinculados à “capoeira de rua” ou aos chamados “shows folclóricos” realizados nos palcos de hotéis e restaurantes de luxo. A partir dessa geografia social, os mesmos acabam situados no bojo de um processo de “*integração duvidosa com a vida oficial*” (GOTO 1988), acrescentando novas configurações à indústria do turismo, do espetáculo e do lazer.

Entre os capoeiras evidencia-se uma realidade que se diferencia do trabalho convencional. Eles são capazes de metamorfosear o tempo e o ambiente a partir de recons-

truções cotidianas que se dão em situações mais diversas, assumindo formas surpreendentes que, de certa forma, contestam o convencional e o institucionalmente cristalizado. Tais reconstruções estão relacionadas com a onda de desemprego que assola o mundo inteiro nesse final de milênio. No Brasil a taxa de desemprego oscila em torno de 8%. Nos países desenvolvidos os índices são preocupantes.

Com o advento da tecnologia, a produtividade está em alta, mas provoca, por outro lado, a diminuição de ofertas, com uma competição super acirrada. Há dez anos havia 1 milhão de bancários no Brasil, hoje são 470.000. Em 1992, a indústria têxtil empregava 2,1 milhões de trabalhadores; em 1998 eram apenas 1,3 milhões (SIMONETTI, E. e GRINBAUM, 1998, pp. 68-73). Conceitos como carreira, estabilidade, promoção por tempo de serviço estão desaparecendo no mundo capitalista. Vinculada a esse processo, percebe-se a existência de uma economia fomentada pela capoeira, a partir da produção e comercialização de instrumentos e indumentárias específicos para sua prática como uniformes, berimbaus, atabaques, pandeiros, etc. e outros produtos que incrementam o acervo

profissional dos capoeiras, como livros, revistas, vídeos, compact disc, etc.¹⁰

Da mesma forma que as opções convencionais de emprego vão se limitando, surgem alternativas que visam amenizar esse quadro. É possível afirmar que, atualmente, a indústria do entretenimento constitui uma delas.

A revista *Veja*, em reportagem, destaca que, segundo a Superintendência de Estudos Sócio-Econômicos do Estado da Bahia, 10% da população economicamente ativa da cidade de Salvador tira o seu sustento da indústria do entretenimento, que engloba entre outras coisas, blocos carnavalescos e trios elétricos, que fazem festas pelo Brasil inteiro. Iniciativas audaciosas se transformam em projetos com orçamentos consideráveis. O orçamento da escola de percussão *Pracatum*, de Carlinhos Brown, no bairro Candeal, é de 2 milhões de dólares. Só a banda *Olodum* tem 400 percussionistas cadastrados, 280 deles na ativa. Tais projetos, geralmente vinculados às populações "carentes", procuram adotar políticas sociais a partir de ações que se materializam em escolas gratuitas de alfabetização e formação profissional, além de

implementarem melhores condições de moradia e saneamento básico nos bairros onde são desenvolvidos (LIMA, 1998, pp. 120-121).

É nessa metamorfoseante dinâmica do mundo capitalista que surgem os trabalhadores em capoeira, diferentemente dos trabalhadores que a praticavam durante o século XIX¹¹. Antigamente, eram os trapicheiros, carroceiros, estivadores, carregadores, vendedores ambulantes, que a praticavam. Hoje, o que se vê são ex-bancários, ex-metalúrgicos, ex-representantes de vendas, etc., demitidos de suas empresas, se utilizando da capoeira como trabalho, como uma opção profissional, como um modo de sobreviver. Somado a esse contingente, encontra-se um expressivo segmento de jovens que vislumbram na capoeira um filão de trabalho nem sempre possível nas instituições e empresas convencionais.

Para suprir esta necessidade surgem os grupos estruturados na lógica de escola-empresa investindo na formação dos futuros professores que atenderão uma demanda sempre crescente de interessados por esta manifestação. O que se verifica, portanto, é a transformação

dos grandes grupos em empresas, no estilo de franquias para atender as “exigências” do mercado e terminam transformando-se em grandes corporações, constituídas enquanto instituições jurídicas, que aglutinam expressivo número de integrantes (alguns chegam a ter mais de dez mil filiados). Além disso, começam a se expandir as entidades corporativas, como é o caso das federações e ligas, que tratam a capoeira a partir da lógica do esporte, tendo a Confederação Brasileira de Capoeira (CBC) e a Associação Brasileira de Professores de Capoeira (ABPC) como principais representantes desse esquema organizativo.

A CBC foi fundada em 23 de outubro de 1992, com sua sede fixada em Guarulhos-SP e tem como objetivo a padronização, normatização e unificação de procedimentos desta manifestação, no sentido de se evitar, segundo seu primeiro, único e atual presidente, “*que curiosos e aventureiros a tornem uma grande confusão internacional e venha a desaparecer por completo*” (CONFEDERAÇÃO, 1997, p.4).

Atualmente já são mais de vinte federações estaduais vinculadas à CBC. Apesar de algumas resis-

tências¹², a entidade vem conseguindo certa representatividade junto a outros órgãos dirigentes do desporto nacional¹³.

A Associação Brasileira de Professores de Capoeira (ABPC) foi fundada em Salvador-BA, em 13 de Agosto de 1980; aglutina grande parte das principais lideranças da capoeira do Brasil e do exterior e tem como objetivo preservar os aspectos culturais, científicos e sociais que envolvem a capoeira, seus professores, mestres e praticantes.

Como foi dito anteriormente, as tentativas de se organizar e normatizar a capoeira vêm ocorrendo de diversas formas, principalmente dentro da lógica esportiva¹⁴. Essas tentativas esbarram, muitas vezes, em diversos impasses e conflitos de lideranças ávidas em verem seus projetos pessoais serem contemplados pelas políticas públicas de fomento ao esporte.

No interior desse processo de organização da capoeira, identifica-se a proeminência de dois fenômenos inerentes à sociedade capitalista já verificados em outras manifestações da cultura de movimentos como, por exemplo, a ginástica, a dança e algumas lutas

orientais; quais sejam: a mercadorização e a esportivização, que, por sua vez, apresentam como características intrínsecas a racionalização, a cientifização e a competição.

A inserção vertiginosa da capoeira nos estratos sociais privilegiados, nos últimos tempos, representa um fato novo. Aliás, ela tem sido alvo inclusive do poder público, na medida em que se observa uma série de medidas oficiais¹⁵ que procuram apresentar uma espécie de “pedido de desculpas”, pelas questionáveis ingerências durante longo período de sua história.¹⁶

A análise desses movimentos de organização da capoeira no Brasil requer, necessariamente, uma inserção nas discussões teóricas sobre as instituições e seus papéis, enquanto instrumentos de apoio que fornecem ao comportamento um caráter de durabilidade e permanência e se destinam à satisfação de determinadas necessidades, como a de pertencimento a um coletivo, por exemplo. Aliás, é possível afirmar que todo processo de formação sócio-cultural repousa sobre instituições. Estas, segundo BARTHOLO Jr. (1986, p. 27),

preenchem três funções relativas à estrutura de pulsões do homem: “1) *satisfazer um mínimo de necessidades vitais biologicamente determinadas*; 2) *satisfazer um conjunto de necessidades derivadas originadas de sua própria existência*; 3) *satisfazer um excedente estrutural de pulsões instintivas, fixando-as e estabilizando-as mediante a autonomização de uma estrutura de hábitos*”. As instituições representam, portanto, um instrumento gerador de “necessidades derivadas” que, via de regra, remetem à adaptação e a reificação em função de normas coercitivas, bem como, de mecanismos sedutores que propagam uma idéia de crescimento e perpetuação. A institucionalização não é, contudo, um processo irreversível. Segundo BERGER e LUCKMANN (1998) “*pode haver desinstitucionalização em certas áreas da vida social. Por exemplo, a esfera privada que surgiu na moderna sociedade industrial é consideravelmente desinstitucionalizada, se comparada com a esfera pública*” (p. 113).

Embora não seja fácil o desvencilhamento de instituições mais formais da sociedade, é possível implementar formas criativas e originais de resistências

a elas. Em seu estudo sobre a “dinâmica lúdica”, HELOÍSA BRUHNS (1994, p. 108) propõe que:

Periodicamente, deveríamos aprender a zombar de nossas mais altas instituições, de suas formalidades e austeridades, de suas práticas sagradas, políticas e econômicas. Deveríamos criar condições para imaginar um mundo diferente, no qual os palhaços se tornassem reais.

A complexidade que envolve todo o processo de organização social da capoeira não permite uma visão simplista de sua lógica. Se, por um lado, há uma preocupação no sentido de organizá-la, por outro, a “desorganização” parece estar sintonizada com os mecanismos de resistência, historicamente vinculados a sua trajetória.

O processo de organização dos capoeiras nos mostra que a democratização da sociedade passa necessariamente pelo enfrentamento de interesses que, ao serem colocados em tensão, explicitam suas contradições. A rigor, voluntária ou involuntariamente, os grupos dominados buscam um mesmo fim: a liberdade. Uma gama significativa de documentos históricos revelam as inúmeras tentativas de sublevação da ordem

social brasileira pelos grupamentos excluídos da sociedade brasileira e demonstram a insatisfação pela condição a que são submetidos.

No caso da capoeira, pode-se observar que ela ora resiste, ora se conforma com os mecanismos de ajustamento e organização social. Este misto de conformismo e resistência verificado no universo da capoeira endossa as conclusões de CHAÍÍ (1989) a respeito da cultura popular¹⁷ no Brasil, quando ela expõe que as culturas populares no país, apesar de conter lógica própria, se articulam com os códigos das culturas dominantes, recusando-os, aceitando-os ou conformando-se a eles. No caso da capoeira, esta aparente oposição entre a acomodação e a resistência é que determina sua ambigüidade, e isto pode ser concretamente visualizado no jogo, quando no disfarce da dança, o capoeira luta, conformando-se ou resistindo às estratégias de poder geradas naquele momento. Neste sentido, no jogo de capoeira, o mesmo corpo que, em dado momento, se conforma, inopinadamente se insurge e ataca, geralmente de forma improvisada, invertendo as regras do jogo. Este é um aspecto político fundamental a ser considerado para um melhor

entendimento de sua dinâmica interna.

Finalizando ...

Num esforço de síntese, ainda que provisória, procuraremos apontar, à luz do que foi apresentado, alguns elementos que explicitam a trajetória de organização dos capoeiras e seus vínculos com a conjuntura política de cada época.

Torna-se necessário, nesse momento, retomar o sentido político original da capoeira, ou seja, os motivos subjacentes e as circunstâncias em que ela foi criada. A produção cultural dos negros à época da escravidão, serviu como estratégia corporal de libertação e pautou-se pela contestação às regras de dominação social.

Embora a mensagem da capoeira embutida em seus gestos, rituais e cânticos sugira indeterminação, ruptura e ambigüidade, onde a arte e a mandinga, ao refletirem uma interioridade, uma visão própria de mundo, incompatibilizam a padronização e o regramento e possibilitam o exercício da libertação, ela tem sido apropriada, em larga escala, pela lógica do esporte, e conseqüentemente, do mercado, cuja

mensagem principal está centrada nos princípios básicos da sobrepujança e das comparações objetivas, que têm como conseqüência imediata o selecionamento, a especialização e a instrumentalização (KUNZ, 1991).

Para BRACHT (1997, p. 70) o esporte é:

uma atividade com um conjunto de regras de fácil compreensão, ao contrário por exemplo, das regras do jogo político que são complexas e muitas vezes não transparentes. O resultado de uma competição é anunciado imediatamente após o seu encerramento e não deixa dúvidas (...). A simplicidade de sua linguagem, faz possível que um jogo de futebol seja entendido e apreciado tanto aqui no Brasil, quanto na China, por exemplo.

A capoeira, por sua vez, é uma manifestação extremamente complexa. O jogo de capoeira é uma espécie de negociação aparente em que cada capoeira procura ampliar cada vez mais o seu repertório a partir de improvisações, teatralizações e ritualizações. Não se trata, portanto, de um confronto direto, mas de uma constante simulação de ataques e defesas, mediada pela ginga numa

ambigüidade em que o lúdico e o combativo se interpenetram. Por mais que se pretenda minuciosa, a descrição dos expedientes gerados numa roda de capoeira jamais refletirá a riqueza dos fatos em si. Num jogo malicioso e mandingueiro, os movimentos corporais parecem ser inteligíveis e decifráveis somente pelos seus executores, que, muitas vezes, conforme afirma Rego (op. cit.), não se dão conta do expediente que improvisaram na roda. Esses comportamentos típicos, exercitados dentro da roda de capoeira, influenciam as atitudes dos capoeiras em outras esferas de atuação. Verifica-se, via de regra, uma atitude de descaso em relação às convenções e a mecanismos de controle institucional. Ademais, o mundo do capoeira é um mundo onde as convenções são diluídas por diversas estratégias que reelaboram e até ironizam as instituições formais da sociedade, o que, de fato, constitui-se, a rigor, numa postura política.

Os ensinamentos propagados pela cultura da capoeira têm contribuído para a consolidação de uma atitude de descrédito em relação às instituições oficiais, afinal, foram elas as principais responsáveis pela repressão aos próprios capoeiras. Portanto, não é difícil de

se constatar neste universo focos de resistência aos mecanismos de controle impetrados por instituições corporativas.

Essas características, aliadas aos desafios e necessidades da sociedade contemporânea, faz da capoeira uma construção cultural ambígua. Ela “joga” com todos esses fatores e, paulatinamente, vem se firmando como uma dinâmica manifestação da cultura brasileira contemporânea. É possível afirmar que a ambigüidade parece ser um componente intrínseco da capoeira. Numa análise aligeirada, essa ambigüidade pode denotar indeterminação, incerteza, dúvida, mas isso não é uma falha, defeito ou carência de um sentido, como destaca CHAUÍ (1989). Trata-se de uma propriedade que contém ao mesmo tempo dimensões simultâneas de atraso e desejo de emancipação, de ignorância e saber, de conformismo e resistência. Daí, parece ser recorrente uma visão crítica diante das novas demandas da capoeira. As contribuições de Paulo Freire, o pedagogo dos oprimidos, podem servir de inspiração para os capoeiras da contemporaneidade. Que a organização dos sujeitos é importante e recomendável, todos sabemos, mas, que seja em prol do esclarecimento e da libertação. Que

o capoeira se sinta motivado para se organizar nos moldes dos “*círculos de leitura*” (FREIRE, 1987), para que se eduque em comunhão, entenda o mundo e, acima de tudo, conquiste a liberdade plena, e assim, fuja das infinitas amarras de instituições mais preocupadas em angariar recursos para se manterem poderosas, do que para garantir e proteger os direitos dos cidadãos.

As tentativas de organização da capoeira na lógica neo-liberal vem promovendo uma recodificação desta, que, ao incorporar a perspectiva esportivizante e absorver o jeito europeu e americano de ser, vem desaffricanizando-se e sendo alçada ao “*status*” de neocapoeira, bem ao gosto da pós-modernidade; descartável, efêmera, tecnocrática, espetacularizada, docilizada, esterilizada, cientificizada e disponível para o consumo no próximo clube da esquina.

Notas

- 1 Para designar os agentes da capoeira (praticantes, professores, militantes, etc.) utilizaremos o termo capoeira em detrimento do termo capoeirista, por entendermos que o mesmo tem na cultura o seu campo privilegiado de ação, enquanto que o termo capoeirista nos sugere uma intervenção mais específica, mais especializada.
- 2 *Graduação concedida aos capoeiras* que atingem o último estágio de docente. A forma de concessão da mesma varia de grupo para grupo.
- 3 Entre 1º de janeiro de 1973 e 23 de outubro de 1992 a capoeira esteve vinculada à Confederação Brasileira de Pugilismo (CBP), que, através do Departamento de Capoeira, promoveu vários campeonatos de capoeira no Brasil.
- 4 Rugendas, em 1834, retratou a capoeira em uma gravura intitulada “Jogar capoeira ou Dança da Guerra”. Nela, dois negros gingam ao som de um atabaque – tocado por um negro sentado – diante de uma assistência composta por nove negros (dentre os quais três mulheres) (1979, p. 241).
- 5 O Código Penal da República dos Estados Unidos do Brasil, instituído pelo Decreto n. 487, de outubro de 1890, oficializou a criminalização da capoeira em todo o território nacional, ao estabelecer, em seu Capítulo XIII, o seguinte:
Art. 402. Fazer nas ruas e praças públicas, exercício de agilidade e destreza corporal conhecida pela denominação capoeiragem (...)
Pena: de prisão celular por dois a seis meses.

§ único. É considerada circunstância agravante pertencer o capoeira a alguma banda ou malta.

Art. 404. Se nesses exercícios de capoeiragem perpetrar homicídio, praticar alguma lesão corporal, ultrajar o pudor público e particular, perturbar a ordem, a tranqüilidade ou segurança pública ou for encontrado com armas incorrerá cumulativamente nas penas cominadas para tais crimes. (Rego, 1968, p. 292)

Segundo Araújo (1997), a descriminalização oficial da capoeira deu-se a partir da promulgação do Decreto-Lei n. 3.688, de 3 de outubro de 1941 (Leis das Contravenções Penais – Parte Especial, Cap. I, “Das Contravenções referentes à pessoa), na medida que a mesma já não figurava explicitamente no rol das atividades previstas como contravenção penal (p. 216).

- 6 Dentre elas, pode-se citar: UFRJ, UFRRJ, UERJ, UFBA, UFSC, USP, UnB, UFS, Universidade Gama Filho, Universidade Católica de Salvador.
- 7 Entre tantos projetos, podemos citar o “Projeto Iniciar Capoeira”, fundado em Brasília-DF, em 1990, e com representações em vários estados brasileiros. Esse projeto foi reconhecido oficialmente pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância e Adolescência (UNICEF). O Centro

Brasileiro para Infância e Adolescência (CBIA) o considerou como “uma das experiências de maior resultado na mudança de comportamento na criança e adolescente carentes, especialmente entre meninos e meninas de rua”. (Jornal Capoeira em Evidência, n. 04, p. 4, dezembro, 1997). Em Florianópolis-SC, o Grupo Ajagunã de Palmares desenvolve o Projeto “Ginga Desterro”, que atende comunidades carentes. Entre 1993 e 1996, esse projeto recebeu apoio institucional da Prefeitura Municipal. A partir de 1997, com a mudança de governo, o apoio foi suspenso, mas os trabalhos continuam sendo realizados e mantidos pela própria comunidade. (Informativo Caá-Puêra, n. 13, 1997).

- 8 Para citar alguns deles: 1) Mestre Pastinha (1889-1981) – principal guardião da Capoeira Angola, fundou em 1941 o Centro Esportivo de Capoeira Angola, em Salvador. Faleceu cego e esquecido. 2) Mestre Bimba (1900 – 1974). Fundou a primeira academia de capoeira do Brasil e foi o criador da Capoeira Regional, um estilo de capoeira mundialmente conhecido. Faleceu pobre, lutando por melhores condições de vida, em Goiânia – GO. 3) Mestre Waldemar da Liberdade – conduziu nas décadas de 40 e 50, aos domingos, a roda de capoeira que se tornou o mais importante ponto de

- encontro dos capoeiras de Salvador. Morreu, em 1990, na pobreza, como tantos outros capoeiras célebres (Vieira, 1995).
- 9 Nos níveis de ensino fundamental e médio, já existem alguns programas implantados, como os dos estados do Rio de Janeiro, Bahia e Distrito Federal, entre outros, com níveis diferenciados de desdobramentos e abrangências (Falcão, 1994).
 - 10 A produção de compact disc de capoeira é um dos grandes filões utilizados por muitos capoeiras e grupos para, além de divulgar sua produção musical, angariar bons dividendos num curto espaço de tempo. A maioria dos grandes grupos já produziram os seus cds. Alguns grupos produzem em série, um a cada ano. Criticados pelos defensores da “manutenção das tradições” e pela “qualidade discutível”, os cds são, atualmente, a coqueluche da capoeira.
 - 11 Pires (1996) argumenta que a capoeira é parte integrante da cultura da classe trabalhadora, da “cultura operária”, se contrapondo à idéia da capoeira como existindo à margem do mundo do trabalho. Segundo o autor, para as classes dominantes na República Velha, a sociedade estava dividida entre o mundo do trabalho e o mundo do crime. Nessa visão que orientou as medidas de controle social, os capoeiras estariam ao lado do crime, da desordem. No entanto, a partir de suas análises, constatou que os capoeiras também estiveram relacionados com o mundo do trabalho e da ordem.
 - 12 Recentemente (junho de 1998) um dos maiores grupos de capoeira do sul do Brasil, após harmoniosa adesão e incontestado apoio a CBC, comunicou, via informativo, o seu desligamento da mesma, “por não aceitar seus posicionamentos filosóficos, que tenta impor um tipo de graduação que o grupo não concorda e não foi consultado para tal”. (Nota de Esclarecimento, 1998, p. 11). O referido informativo anuncia, em sua última página: “vem aí a Super Liga Brasileira de Capoeira, aguardem” (ibid., p. 12).
 - 13 O Comitê Olímpico Brasileiro reconhece a CBC como única entidade representativa da capoeira no Brasil. A CBC atualmente trabalha com afinco com o objetivo de inserir a capoeira nas Olimpíadas de 2008.
 - 14 As instituições que administram o esporte em âmbito nacional e mundial são, hoje, grandes parceiras dos governos federais e agem como verdadeiras agências internacionais que se utilizam do capital simbólico (prestígio e reconhecimento) proporcionado pelo esporte para angariar poder e dinheiro público (Bracht, 1997).

- 15 Em 1995 começou a tramitar na Câmara de Deputados o Projeto de Lei nº 85/95, de autoria do Deputado José Coimbra, que aponta para o reconhecimento da capoeira como um **esporte** genuinamente brasileiro. Após ter sido aprovado em todas as comissões da Câmara, com algumas emendas, o projeto (agora sobre o n. 39/1997) encontra-se na pauta de votação do Senado Federal e já recebeu parecer favorável do relator Senador Abdias do Nascimento. (Brasil, Senado Federal, 1997)
- 16 De acordo com Rego (1968), a capoeira foi tratada durante muito tempo como caso de polícia, “que dormia e acordava no calcanhar dos capoeiras” (p. 43). Alguns dos mais consistentes estudos sobre a história da capoeira foram realizados a partir da documentação existente nos arquivos da polícia brasileira. Ver Pires (1996) e Soares (1994).
- 17 Apesar da dificuldade de delimitação enquanto categoria homogênea, classes populares é empregado aqui para designar os grupos sociais que, no processo de distribuição de riquezas, encontram-se marginalizados e têm precárias condições de existência.

Referências bibliográficas

- ARAÚJO, Paulo Coêlho A. *Abordagens sócio-antropológicas da luta/jogo da capoeira*. Maia – Portugal: Instituto Superior de Maia, 1997.
- BARTHOLO JR. R. S. *Os labirintos do silêncio: cosmovisão e tecnologia na modernidade*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1986.
- BERGER, P. e LUCKMANN, T. *A construção social da realidade*. 15. ed. Petrópolis:Vozes, 1998.
- BRACHT, Valter. *Sociologia crítica do esporte: uma introdução*. Vitória: UFES/CEFD, 1997.
- BRASIL. Câmara dos Deputados. *Projeto de Lei n. 85/95 do Sr. José Coimbra*. Reconhece a capoeira como um desporto genuinamente brasileiro e dá outras providências, 1997.
- BRÚHNS, Heloísa Turini. *O corpo parceiro e o corpo adversário*. Campinas-SP: Papirus, 1993.
- CAÁ-PUÊRA. *Informativo da associação cultural de capoeira ajagunã de palmares*. n. 13, 1997.
- CAPOEIRA EM EVIDÊNCIA. *Boletim informativo da associação de capoeira fama/DF*. n. 04, p. 4, dezembro, 1997.
- CHAUI, Marilena. *Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil*. 3ª Edição. São Paulo: Brasiliense, 1989.

- FALCÃO, José Luiz Cirqueira. *A escolarização da 'vadiação': a capoeira na Fundação Educacional do Distrito Federal*. (Dissertação de Mestrado). UFRJ, EEFD, 1994.
- FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade*. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GOTO, Roberto. *Malandragem revisitada: uma leitura ideológica da "dialética da malandragem"*. São Paulo: Ed. Pontes, 1988.
- GUIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. *Notas para uma teoria dos conteúdos em educação física*. Trabalho apresentado no curso do CBCE na 43ª Reunião da SBPC, 1991.
- KUNZ, Elenor. *Educação Física: ensino e mudanças*. Ijuí: UNIJUÍ Editora, 1991.
- LIMA, J. G. de. *Rataplã-plã-plã*. *Veja*, pp. 120-121, 1998, 15 de julho.
- MOURA, Clóvis. Organizações Negras. Paul Singer e Vinícius Caldeira Brant. (Orgs) *São Paulo: o povo em movimento*. São Paulo: Vozes Ltda, 1980, pp. 143-175.
- NOTA DE ESCLARECIMENTO. *Jornal Muzenza: o informativo da capoeira*. Ano 4, n. 31, p. 11, 1998.
- PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões. *A capoeira no jogo das cores: criminalidade, cultura e racismo na cidade do Rio de Janeiro (1890-1937)*. (Dissertação de Mestrado), História, Campinas-SP, Unicamp, 1996.
- QUERINO, Manuel. *A Bahia de outr'ora: vultos e factos populares*. 2ª Edição aumentada. Salvador: Livraria Econômica, 1922.
- REGO, Waldeloir. *Capoeira Angola: um ensaio sócio-etnográfico*. Salvador: Itapuã, 1968.
- REIS, Letícia Vidor de Souza. *O mundo de pernas para o ar: a capoeira no Brasil*. São Paulo: Publisher Brasil, 1997.
- REIS & SILVA, Eduardo. *Negociação e conflito: a resistência negra no Brasil escravista*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- RUGENDAS, José Maurício. *Viagem pitoresca através do Brasil*. 8. ed. Belo Horizonte / São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 2 volumes, 1979, (1. ed. 1835).
- SIMONTETTI, E. & GRINBAUM, R. Assombração nacional. *Veja*, pp. 68-73, 1998, 11 de fevereiro.
- SOARES, Carlos Eugênio Líbano. *A negregada instituição: os capoeiras no Rio de Janeiro, 1850-1890*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1994.
- TAVARES, Odorico. *Bahia: imagens da terra e do povo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.
- VIEIRA, Luiz Renato. *O jogo de capoeira: cultura popular no Brasil*. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.

